



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XV — N.º 370 — Preço 1300
17 DE MAIO DE 1958

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales de correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

Facetas de uma Vida

Uma rapsódia

Em todas as festas de circunstância a que tenho tido a honra de assistir, aparece sempre como número forçado uma rapsódia, dedilhada por mãos artistas em soberbos pianos de cauda. Em festa de tamanha circunstância, como esta que o **Lume Novo** hoje celebra, uma pequenina rapsódia vem a propósito e é muito conveniente.

Que lindo sítio e que linda casa, aquela em que nasci. Por detrás, estende-se uma grande mata cheia de sombra e de pinheiros; à frente correm os prados verdejantes, uns após outros, até se perderem muito longe, na margem dum ribeirito que os limita; e lá mais longe ainda, muito ao longe o céu fecha o horizonte pousando no dorso da serra de Luzim!

Tão lindo o sítio; tão linda a casa!

Eu era petisito de 8 para 10 e nesse tempo a nossa casa era uma **alfândega**, no dizer da nossa Rita, que veio aos 12 servir meus avós, ficou servindo os pais e agora era servida por nós e zupava-nos muito ousadamente, se lhe não fazíamos a vontade. Foi nossa até aos 80. Era uma **alfândega** a nossa casa. Nos lindos meses de verão, à hora de trindades, começava a gente a chegar dos campos e dos montes com gajos de espigas, cestos de fruta, carros de feno, feixes de palha, cestos de abóboras, ancinhos, forcados e muito apetite à ceia. Eramos então oito ir-

mãos e outros tantos criados. Que barafunda; que grande alegria. A minha mãezinha, a mulher mais fresca e linda do mundo inteiro, esperava-nos na cozinha, ao pé da grande lareira, e cá em baixo, ao fundo das escadas, já se ouvia a sua voz alegre que dizia numa gargalhada: — «aí vem a tropa fandangá». A tropa ia subindo; à frente os mais velhos, diziam ao entrar — **Lou-vado seja Nosso Senhor Jesus Cristo**. A seguir os mais novos diziam — «bete-me a sua benção, minha ama» e nós, os filhos dizíamos em coro: «a sua benção, minha mãe». E a minha mãezinha, a mulher mais fresca e linda do mundo inteiro, dizia: «Deus vos abençoe, rapazes. Deus vos abençoe, filhos!» Eu era o mais novito e ia sempre à lareira buscar um mimo que minha mãe me guardava; gostava tanto de ver aquela

Cont. na 3.ª página

NÓS VAMOS AO COLISEU

Na hora em que este vos chegar às mãos são quase vésperas.

Se a nossa festa fosse um acto mundano, já se estariam preparando vestimentas e postigos para adornar. Mas não senhor. A nossa Festa é uma reunião de família. Não há etiqueta, nem cerimónia, nem protocolo. Costumamos contar entre o nosso público gente de todas as classes sociais. Gente de muitos graus de cultura. Porém, aquela noite, sendo a Casa do Gaiato o a-propósito da reunião, não há distâncias, nem lugares, nem categorias. O mesmo centro de interesse une em um só amor todos os presentes. O Coliseu é que tem geral e

dia 22

plateia e camarotes... — a sala, materialmente considerada. Mas quem se senta em qualquer lugar é um irmão em Cristo Senhor Nosso, que foi ali para gostar de quanto lhe apresentem por causa do amor que já tinha e tem a quem lho apresenta.

Por isso a nossa festa é o reverso dos actos mundanos que costumam ser nas casas de espectáculo. Apetecia-nos dizer que ela é quase um acto de religião, que congrege todos em redor de um só objecto, que afinal é Cristo na pessoa

dos mais pequeninos dos Seus irmãos. E esse objecto, porque é Cristo, tem o conção de fazer reservas, para pôr a cantar em esquecer tristezas, dissensões, uníssono a quase 4.000 pessoas um cântico de amor.

É por isso que nós vamos ao Coliseu e havemos de tornar mais vezes, querendo Deus. É para agradecermos ao mundo, que esquece aquela noite a sua mundanidade, o amor que ele nos tem enquanto somos uma expressão do Verbo que é a Verdade. E para lhe darmos, a esse mesmo mundo, a alegria de nos dizer uma vez mais o amor que nos tem, que a gente nunca se cansa de dizer que ama quando se ama de verdade.

Património dos Pobres

Começamos por saber do movimento em Setúbal. Tão boas vontades, dinheiro em caixa, materiais à disposição, terreno oferecido e nada de andar para a frente. Tempo perdido!

A primeira etapa foi Vendas Novas. O pequeno bairro vai aumentando com mais moradias que estão em acabamento. O pároco anda empenhado em fundar ali uma casa de traba-



Câmara de Lobos (Madeira)

lhos. E acerta. Dar casa àqueles que a não têm e jamais a teriam é coisa notável. Mas dar-lhes condições de recuperação é obra completa e mais cristã. Pediu-me quarenta contos e não lhe deixei nada. Mandei-o mais uma vez bater à porta dos seus paroquianos. Que faça violência para os ajudar a salvar.

A seguir paramos em Montemor. Aqui há uma faceta curiosa e encantadora. Alguns proprietários têm construído grupos de casas à sua conta e depois entregam a obra já pronta ao Património dos Pobres Paroquial. Têm-me dito que é a vila mais rica do Alentejo. Por isso melhor lhes fica estes gestos de generosidade. E até o que era muito justo é que cada patrão resolvesse as dificuldades dos seus

trabalhadores. Deus queira que os patrões de Montemor sejam os primeiros a dar este exemplo e depois sejam seguidos por todos os patrões de Portugal.

Em Arraiolos estavam à nossa espera com um projecto para um Calvário. Vimos o terreno. Vimos as necessidades. Vimos o entusiasmo dos que vão à frente: **No Natal há-de estar pronta a primeira parte**. Arraiolos continua a trabalhar com acerto.

Quando passámos em Estremoz não resistimos a ir visitar as famílias já contempladas. Uma delas é de onze filhos pequenos. As casas são um mimo. Dizem bem naquela cidade airosa. Estão em acabamento mais duas. Há ali uma nota muito de aconselhar a todos quantos andam a construir. As casas são entremeadas com outras. Assim já os Pobres não são isolados nem segregados das outras classes

Visado pela

Comissão de Censura

Cont. na 3.ª página



Aqui, LISBOA!

Cai uma chuva miudinha que molha sem se dar conta. A rua da Lapa espelha a claridade fosca da manhã. Cruza-se o silêncio dos que passam indiferentes. Ao fundo da rua diviso um vulto conhecido de chale preto. Vem triste e anémica, parecendo doente. Traz ao colo quem quer que seja. É uma Pobre de Monsanto que vive nas furnas. Tem o marido internado no Rego. Anda amargurada com a sua sorte. Dois filhos e agora o terceiro. Pelas ruas estende a mão a condoer. Arrasta o viver, como as vizinhas, com a sopa da Misericórdia. Hoje vem prostrada pelo sofrimento, salpicada de chuva.

— Por aqui tão cedo?

— Olhe! — E mostra o pequeno recém-nascido. — Nasceu ontem às três da tarde.

— E você já por aqui?!

— Que remédio, senhor. Vou à Assistência pedir leite. Se não lhe acudo quanto antes, morre-me nos braços.

Calei-me cheio de respeito pelo heroísmo desta mãe. Ao tempo, a expôr a vida pelo filho. Horas passadas sobre o

Cont. na 2.ª pág.

Do que nós

necessitamos

Da boca das crianças sai o louvor de Deus. Ora eis. «Um amigo dos gaiatos que só tem oito anos e pouco dinheiro reparte com eles e envia-lhes 20\$. É pouco. Mas foi o dinheiro que o avozinho me deu para as amêndoas». Os «batatinhas» agradecem. Outro testemunho: «Gosto dos gaiatos e por isso lhes envio 10\$ do meu mealheiro». Voltam a agradecer. Manuel Pinto entregou um bilhete com estes dizeres: «Da caravana hoquista de Lourenço Marques, que com nossa satisfação nos visitou 305\$30, em colecta feita à despedida». Parabéns, valorosos rapazes, pela vitória que nos trouxestes de Montreux, e gratos pela vossa visita.

De Cascais 100 «pela felicidade e orientação dum filhinho» e metade do Porto para os Pobres do Barredo «pedindo a Deus toque no coração de todos para que lá deixem de haver necessidades». Não ambicionamos tanto. Queremos, sim, minorar as que existem. «Oferece humildemente à Casa do Gaiato esta pequena oferta não para ser agradecido mas para participar da caridade cristã». De um grupo desportivo da cidade do Porto, de que me esqueci o nome, (desculpem, sim?) 173\$80. Em acção de graças de duas admiradoras da Obra 20+20. Roupas de bebê e mais alguma coisa para os Pobres do Barredo. Vieram da Alemanha.

20\$ de economia de gasolina de um fiel da missa das 19 h. em N. Senhora da Conceição. Outro tanto de «uma grande pecadora». Roupas usadas de um menino de Lisboa. A nossa África sempre esteve, está e estará presente. 400\$ de Luanda «modesta contribuição mensal referente aos próximos meses de Abril e Maio». Igual quantia de quem «agradece a fineza de não publicar o nome». É de Vila do Conde. Um anónimo acrescenta 100\$ assim distribuídos: duzentos para os Pobres do Barredo e o restante para a Casa do Gaiato, pedindo uma «Avé-Maria». 100 angolares de Nagage e outros 100\$ de Lourenço Marques. Um grito do Mercado do Bom Sucesso mais 432\$50. As telefonistas da Companhia dos Telefones, ofereceram «estas pequenas migalhas para as despesas da Páscoa e enviam estes porta-moedas» — 700\$. Em Acção de Graças 1.300\$ «para a maior necessidade da Obra. A. R. P.». Uma avózinha pede pelos netinhos e manda 500. Roupas de bebê de Lisboa. O Porto não quer ficar atrás e manda também roupas usadas pelo correio. A Philips Portuguesa quis brindar-nos com 6 lâmpadas fluorescentes. No Espelho da Moda fomos encontrar 1 pacote de amêndoas, algumas

roupas usadas e medicamentos. Da Rua da Corticeira o testemunho do costume: «20\$ da minha mensalidade habitual e mais 20 por ter mais trabalho». Um anónimo de Grândola marca presença com 50 para os Pobres do Barredo. Entre mãos temos um bilhete que é uma página de sangue de uma esposa a pedir pelo marido e a agradecer a graça do nascimento de mais um filhinho. Envia 20\$. Que Nosso Senhor lhe faça como pede. Nem só a África portuguesa está presente. Onde quer que palpitem um coração português há um lugar reservado para a Obra da Rua. «Fiz no passado dia 6 (dia de Páscoa) 25 anos que me casei. Assim, envio 500 frs. para os Pobres do Barredo, pedindo uma Avé-Maria pela saúde de meu bom marido pois, este tempo de casada, tem sido sempre doente. É um Calvário que Deus me deu e que abracei com resignação e o meu marido também. Cumpra-se a vontade de Deus. É de Leopoldville. Esta coluna de «O Gaiato» não queremos que seja apenas um mostruário do que nos dão e necessitamos. Queremos ir mais além; apresentar pedaços de doutrina pregada e vivida por todos vós. É a vossa tribuna. Uma senhora do Porto — M. H. A. M. — manda 500 por uma graça recebida. «150\$ em sufrágio da alma de meus sogros». E termina assim: «Deus ilumine todos os homens e faça com que todos nós vejamos de cada vez com mais clareza a Luz da Verdade. Menos 50 «para os rapazes e em sufrágio de uma alma querida. Mil da Beira. Outros mil de um empregado da Central dos Forros. 40\$ de uma mãe prestes a embarcar para o Ultramar. Admirai a persistência do Pessoal da Mobilóil — 58\$50. Os nossos agradecimentos às Fábricas Aleluia pelos azulejos que nos deram. Destinada a auxiliar a campanha para os Pobres do Barredo — 100\$ + cinco vezes mais. Uma caixa de vinho do Porto e rosca de pão de ló. Alguém que nos mandou o preço do seu sangue oferecido aos serviços de transfusão do Hospital da Beira. De uma excursão de Aveiro — 100\$. De outra da Foz do Douro idem. 40\$ de uma promessa. Uma pessoa amiga deixou-nos nas mãos 1.100\$.

Louvado seja Deus.

A confiança providencial está no alicerce da Obra da Rua. A sua génese e desenvolvimento posteriores não conhecem outro fundamento nem clima diferente. As obras de Deus são assim. Mergulhando raízes fora do homem produzem para além do homem.

Aquela «Carta» de um pai prestes ao desânimo ecoou fundo em muitos corações. Confiou.

Deus não falta a quem n'Ele confia. «Vede os lírios dos campos... não trabalham... e jamais alguém se vestiu como um deles.» «Junto remeto 100\$ para o pai aflito que Deus não deixará cair no desânimo se NEle plenamente confiar.»

«Do pouco que possuímos seguem 100\$. Deus há-de providenciar para que muitas migalhas como esta vão solucionar tão aflitivo como espantoso caso. Outros 100\$ das «minhas economias». Deposita confiadamente Alguém nas mãos do Snr. Padre Carlos cem contos «para o que puder fazer por aquele casal; e o restante para a Obra da Rua. Louvado seja Deus por nos ter deparado esta ocasião de nos desobrigarmos». Falam lágrimas das Termas de S. Vicente. Fala «um assinante sem saúde». Outro com o número 21.454. Lisboa também ouviu e M. C. C. responde. O Porto não quer ficar atrás. E Bragança traz conforto. Descansem. Vai levantar-se um lar modesto mas confortável e digno para o abrigo daquele casal e dos filhos que Deus lhe mandar.

—Cont. na pág. Três

nascimento daquele, e sem temeridade em demanda do alimento preciso.

Isto é simplesmente belo e heróico! A vida é escola; mas a vida dos Pobres é a melhor das escolas. Enquanto mães indignas malbaratam os dotes maternos, negando até a existência aos filhos, ergue-se bem alto o exemplo desta mãe. Não nega o que criou. Ama-o. Expõe por ele a vida. Dá-se. Mesmo não há verdadeiro amor sem doação de nós próprios. Não há plumas nem berço fofo, nem sequer o alimento primeiro da vida. Há sim, o que vale e conta, o amor de mãe posto à prova. Sublime doação!

Quando se rema sem vento favorável a marcha é lenta e por vezes retrógrada. A oferta de um cidadão à Pátria e de um filho à Igreja parece não interessar a qualquer delas. Não digo que se nega o leite à primeira infância. Não. Falo

Aqui, Lisboa!

Continuação da primeira página

sim, da dificuldade em obtê-lo. Os centros assistenciais não estão multiplicados a ponto de facilmente solucionarem as dificuldades de momento em todos os recantos. Há concentração demasiada dos serviços. São necessários mais Centros de assistência para que esta seja eficaz e benéfica. Há quem se não ajoite ao caminho temendo as distâncias e prevendo as negativas. Outros arriscam-se temerariamente como aquela pobre mãe que calcurriu a pé Alcântara, Santos e Estrela para obter o suspirado leite. Se ao menos cada paróquia beneficiasse de um Centro tudo seria mais familiar. Quando aquelas são extensas e com aglomerados característicos como os bairros de lata neste caso ainda, há necessidade de mais Centros. Contudo, ali o bom senso aconselha que não sejam em alvenaria. Seria erro psicológico uma construção duradoura. Implícitamente era a condenação perpétua dos moradores àquele viver e lugar. Em meio de habitações indignas o Centro parece que deve ser tão precário como as moradias se bem que indispensável. Os Centros são óptimo meio de reabilitação social. E que bem não resulta dum assistência feita para assistir de perto.

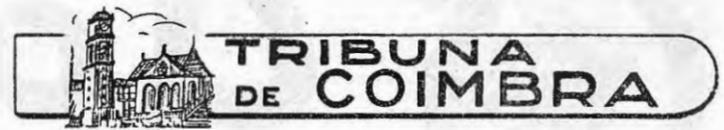
Supus que a culpa de muitos males estivesse do lado das assistentes sociais. Mas sei como algumas lutam e labutam com esmero. Elas o confessam com verdade, que não encontram colaboração precisa e complementar para o seu esforço.

Não têm a solução para os problemas que deparam. Pelo que não compreendo que se ordene a estruturação dum silogismo que de antemão se pretende deixar incompleto.

Qual a utilidade do conhecimento dos problemas sociais fornecido pelas respectivas informadoras, quando se não pretende solucioná-los?

Como a força da inércia é poderosa!

Padre Baptist.



Há precisamente três meses que não damos conta daquilo que nos têm dado. Foram meses frios e de muitos suspiros. As bocas dos nossos rapazes abriram-se as mesmas vezes ao dia e os corpos precisam mais de agasalhos. O que nos vale é o Pai do Céu que alimenta as avezinhas e veste os lírios do campo e vela por todos nós.

De Coimbra recebemos: cinquenta de um Oficial do Exército; vinte de Jorge Manuel e António Carlos; por várias vezes muitas coisas no Bazar do Porto. É o que nos vale; se não os nossos rapazes tinham de passar os recreios sentados. Um prego para uma casa de quem não tem a alegria de a ter; mil para o Património da comissão da Queima das Fitas; 270\$ do Grémio de Panificação; 220\$ de visitantes; mais 32\$50; mais 20\$; mais 50\$; mais 20\$ e mais 45\$. Um embrulho de roupas para o Calvário, no Castelo.

É sempre para nós uma grande alegria as excursões de gente pobre; eles perguntam, eles entusiasma-se, eles choram. Compreendem melhor pela sua própria situação. Todos levam mais do que deixam, embora os tostões sejam gotas de muito suor.

12\$90 que alguém achou; 500\$ deixados no Castelo; 500\$ a pedir duas missas; 40\$ no Castelo; 20\$ por alma da irmã; camisolas e peugas na Fábrica Ideal; 500\$ da Auto-Industrial; 20\$ de professores, no Lar; quatro pneus usados do Reis & Simões e outro lá deixado; 150\$ no Castelo; livros no mesmo sítio; 50\$ à mão em Santa Cruz; um senhor que veio pagar um móvel que encomendou na nossa carpintaria e deixou dinheiro a mais e fez mais encomendas com muito gosto. Façam favor de lhe seguir o exemplo.

150\$ e B. F. Pascais de uma senhora que nos lembra sempre nas festas; azeite e assinaturas pagas no Lar; 50\$ pelo correio para os gaiatos; 40\$ deixados no Castelo; mais nova remessa de 300\$ das amiguinhas «A Bem da Obra da Rua». Vem sempre uma palavra muito amiga. 25\$ no Castelo, por alma do marido; 20\$ num banco da Sé Nova; um auxílio do pessoal da Mabor.

Uma grande ajuda para nós são os passes e os bilhetes para os nossos vendedores nas Emprezas: Auto-Viação da Beira, Joaquim Francisco de Oliveira e João Clara e Irmãos. Muito mais do que o valor do bilhete, vale o gesto de simpatia e carinho destes senhores.

20\$ de Vale da Figueira; 50\$ do Senhor Prior sempre pronto; 100\$ de promessa em Castelo Branco; 3 sacos de batata de semente do Grémio de Miranda; 3 sacos de batata e um alqueire de azeite de um amigo de Vila Nova; várias vezes batata e mil escudos para camisolas dum senhor vizinho e sempre à disposição; um saco de sapatos de borracha de Miranda; 50\$ de promessa e mais 15\$ da Figueira; 4 sacos de batata e 100\$ de Pampilhosa da Serra. É um senhor muito cristão que se abisma nos favores que Deus lhe tem feito. 250\$ de quem esteve a ajudar-nos; 50\$ para as amêndoas e 20\$ para os Pobres em Castelo Branco; 100\$ de um senhor que passou e a quem a mulher recomendou que deixasse; 50\$ das gorjetas da rapariga arrastada pelo Mondego. Que o Senhor lhe dê a paz, já que a morte foi de tanta aflição. 500\$ de quem veio trazer um pequenito.

E por hoje mais nada.

Padre Horácio

Lêde e propagaí

○ GAIATO

COLISEU!

A nossa festa anual realiza-se no Coliseu do Porto
DIA 22 DE MAIO
Os bilhetes já estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda,
Rua dos Clérigos, 54; todos os dias nas bilheteiras do Coliseu

COLISEU!

SETUBAL

Eu acredito na Comunicação dos Santos! As cartas chegadas são prova eloquente! A aflição que se comunica une aflitos na mesma dor, por até «fazer doer a alma» viver naquele covil há onze anos!

Os tocados levantam a voz, patenteiam grandeza que nos confundem, encoraja, ilumina e arrasta. Não agimos por força própria. Somos empurrados! Pai Américo, tantas vezes, afirmou isto mesmo: — «Eu sou um empurrado!» A força impulsional é a Comunicação dos Santos. Sou forçado a acreditar.

O humanismo cristão é isto: — comunicação. Está na base. A religião verdadeira é essencialmente comunitária! Foi assim na frescura do seu alvor e sê-lo-á na maturidade aparente que o tempo finge acarretar. Isto é a marca, o selo autenticador.

«É por isso que todos saberão que sois meus discípulos». De outro modo, não. A vida eterna também se compra. O valor da moeda é que varia consoante a abundância. Se mais, menos. Se menos, mais. A fortaleza do capital está no sacrifício do câmbio.

A casa para a família da toca vai ser de valor forte com que compramos a Vida Eterna! Será a carta de recomendação para o Senhor que não aceita outros pedidos.

«Eu estava sepultado vivo e tu deste-me uma casa!» — vai ser a grande apresentação.

Fui, outro dia, em cumprimento de ordens vindas de longe, visitar os nossos amigos no degredo da toca. Havia mais farrapos; o tempo quente dava maior aconchego; mas a ferida aumentou:

O pai é tuberculoso, a mãe de voz roufenha parecia contaminada pelo mesmo mal, as crianças raquíticas em contacto forçado com o terrível ambiente assustaram-me. Se os homens não responderem, hão-de fazê-lo as pedras. Vamos começar a casa!

Um grupo de aflitos diz que sim. Que entram na procissão com aquela senhora empregada. Cada um como pode: uns com cem, outros com 50\$. Na sua maioria são «viúvas» que arrancam o óbulo à boca e ao vestido movidas pela aflição. Moeda forte!

O grito de alarme foi ouvido em Bragança por uma senhora que manda roupas, cem e duas cartas. Um empregado bancário dirige-nos uma carta cheia, com alvites e compromisso de cem por mês.

E. C. comprometeu-se com 50\$ mensais. Coimbra com cem pedindo orações. Da aflita n.º 2 de Cascais igual quantia. Continue enviando para Setúbal.

Pelo correio vejo que é do Porto. O Porto vibra com Portugal inteiro. Não é individualista. Onde houver aflições, aí está o Porto a dizer «presente». Uma senhora que se assina por «Uma velha» obriga-se com cem. Duas irmãs com a mesma quantia pedem que celebre por suas intenções e juntam um cartão de mais alguém com 70\$00. Tudo em boa ordem! Uma anónima pede perdão do envio da «pequena importância» e promete

te mais. O assinante 1.094 ainda do Porto manda 300\$ e promete mais com votos de que «quando chegar o inverno já esses nossos irmãos estejam a habitá-la, livres das intempéries do tempo. Duma funcionária dos C. T. T. 200\$00 «para os seus pobres». Ao Senhor Padre Baptista 250\$00!

De Almada «acabo de ler o «Gaiato» e venho associar-me à proposta daquela cristã. Aqui estou eu com cem». De Lisboa, mais 50\$ e mais 120\$ de dois anónimos.

Dum «velho assinante de Mogadouro 50\$. De Amarante cem! De Passarinho 20\$00. De Lamego, com promessa de mais vieram 50\$.

Mais uma «migalha» vinte! Metade do aumento de ordenado, duas horas depois de o saber, 250\$ e promessa de mais pedindo uma oração. Dum médico de Chaves cinquenta!

Património dos Pobres

Cont. da pág. UM

e por isso mais fácil a sua orientação.

Mais um salto e chegamos a Elvas. Era a entrega das oito primeiras. Ar de festa no bairro onde estão situadas. Muita gente à espera do que ia ser. Uma coisa nova nos nossos tempos de egoísmo. O Senhor Arcebispo de Évora e seu Bispo Auxiliar associaram-se, cheios de alegria. A multidão comoveu-se. Mostraram-me um terreno perto onde vão continuar a construir.

Era quase noite quando passamos pelo Alandroal. Ali enredaram-se na burocracia e por esse caminho não fazem nada.

Já com luzes acesas, mas ainda parámos em Reguengos. Estão dezanove prontas e quase todas habitadas. Há terreno, necessidade de casas e vontade de as fazer. A obra continua. A Câmara faz a urbanização e tomou o cuidado da luz e água. Bom exemplo. Há outras câmaras que só estorvam, esquecidas de que estamos a solucionar uma questão que também lhes pertence.

Seguindo a nossa rota, a noite ia quase a meio quando chegamos a Amareleja. O Senhor Prior estava à nossa espera e com uma pilha de mão fomos ver as doze já habitadas e a outra que irá servir de creche.

No dia seguinte de manhãzinha estávamos em Moura. As treze do pequenino bairro agora cada uma de sua cor dão uma nota de originalidade ao branco do Alentejo.

Afrouxamos um pouco em Pias e Serpa, onde já trabalham, e demos um salto a Beirigel. Aqui estão oito habitadas e duas a sair dos caboucos. A construção parece deficiente. É pena! O local pedia melhor.

Voltamos a Beja e dali a Alvito. São sete já prontas e

De Setúbal uma única leitora responde cotizando-se também com cem. É uma senhora amiga que muito nos tem ajudado. Será sempre assim. Quem dá, dá sempre. Quem não dá, não dá nunca! Eu não me quero queixar, não tenho razão para tal, mas ando magoado com tanto silêncio. Vou sair, pedir, bater às portas, esperando com a mesma alegria o sim como o não. Não há homem nenhum que sabendo disto possa ficar indiferente! Os indiferentes vivem a mais no ambiente social moderno!

É o Cristo sofredor que nos empurra. As cartas portadoras destes donativos vêm escaldantes, algumas revolucionárias! Quem não sente voltar-se-lhe o coração? Vem. Empurra-nos. Mete-te na torrente que leva à Vida Eterna. A família da toca vai ter uma casa! Vamos renovar uma família! Aquelas quatro crianças hão-de ser testemunhas a nosso favor no tribunal derradeiro.

Padre Acílio

com bom gosto. Agora o pároco vai começar em Vila Nova.

Mais um pulo e conversamos com o Senhor Prior de Viana sobre as quatro que estão a terminar em Aguiar.

Chegamos já de noite a Setúbal e no dia seguinte demos uma volta pela Moita e Alhos Vedros.

Vimos consolados de ver maravilhas operadas pelas mãos dos homens.

No último domingo demos uma corrida à Guarda. A cidade estava toda em festa. O Senhor Bispo com as autoridades e muita gente juntaram-se à beira das seis moradias que foram ocupadas pelos seus moradores.

Eis o dia que o Senhor fez. Alegremo-nos e exultemos nele. Aleluia!

Padre Horácio

Do que nós necessitamos

Cont. da 2.ª pág.

No Montepio Geral, no Porto, três notas de mil. «Agradeço seja considerada rigorosamente anónima». Cem «para serem aplicados conforme as necessidades». Lourenço Marques vem com igual quantia. Santo Tirso repete «com gratidão de quem deve muito da sua formação ao «Gaiato». Metade não sei de quem. A. R. P., sim, temos recebido. Da Trofa fala com carinho da Obra da Rua uma finalista da Escola do Magistério. Manda um grãozinho de areia. Vão 50\$ para «a que dá pão ao filho quando barrega». Do assinante 15.033, a mesma quantia «para pagar a renda de um pobre do Barredo». O dobro de Braga para os pobres mais necessitados. Metade de Coimbra, «por alma de meu marido». Um relógio de ouro. Roupas tirones. Tudo o que foi dar ao Espelho da Moda. Deixem passar os dois amargurados»

CHALES DE ORDINS

O vicentino vive os problemas dos seus Pobres, preocupando-se com torná-los mais homens e cristãos. Oigo gemidos de uma ardente vicentina: «tenho tantas dificuldades: às vezes, os pobres são tão invejosos e maus uns para com os outros, e não sei como agir para que eles sejam bons». Este «não sei» significa que não aparecem logo os efeitos da sua acção vicentina. Não se vêem. Permite Deus que muitas vezes não se vejam, para nos conservar na humildade. Semear, eis a nossa missão. Como cruzar os braços não pertence a uma vicentina, ela que faz? «Todos os meses reuno-os para falar-lhes à alma e instruindo-os o melhor que posso».

Um vicentino estudante, com as magras quantias que a família lhe dá, de quando em vez, conseguiu adquirir um chale dos grandes para «uma doente já velhinha que visito, desde o primeiro ano do Liceu, todas as semanas». Podia fazer como tantos, malbaratar o dinheiro, ou, então, gastá-lo em coisas úteis a um estudante. Mas a sua pobre é doente e velhinha. Primeiro ela, que sofre!

Cá vão também o Zé Maria do Seminário dos Olivais e o Rui do Seminário do Porto, cheios de devoção pelos Pobres. E da Beira (Moçambique) alguém a pedir «mais dois chales dos grandes» — aquele «mais» não é um advérbio qualquer. Indica muito carinho por Ordins. Já foram, como se pedia, enviados para o «Zé dos Pobres». «Eu só lamento não poder em vez de dois mandar pelo menos 200. Bem sei que podia comprar aqui dois ou três cobertorzitos de algodão, mas seriam precisos dois ou três destes

Uma rapsódia

Cont. da pág. UM

grande fogueira crepitar por entre as panelas... Todos os dias a mesma fogueira, o mesmo lume, e sempre lume novo! Sempre lume novo! É assim o nosso Lume. Tem ardido tantas vezes; tem feito tantas fogueiras e é sempre o Lume Novo; sempre o Lume Novo

Continua no próximo número

Frei Junípero

com 50\$ e uma admiradora 20\$. Mais uma de Espinho. O Ilhavoense diz-nos que lhe entregaram 500\$. O dobro «para o que entenderem mais necessário de momento». Parem de novo! Deixem passar o «desconhecido». No semblante a alegria. Nos pés a agilidade de quem traz pressa. «Meu Padre, 50.000\$ para as despesas da casa». Quem é? Não sei nem quero saber. Louvado seja Deus na sua Divina Providência.

Padre Manuel António

para produzirem o calor de um chale e procedendo assim pensei que ajudaria as duas obras que eu tanto admiro e tanto gostaria de muito poder auxiliar.

Lisboa agradece o «bem que tem feito a Ordins e sobretudo o seu empenho em tornar a «Mulher» digna desse belo título». Vilarinho, Coruche, Coimbra, Cernache do Bonjardim, Leiria, Sta Cruz do Douro, Sabugal e Torres Novas agasalham-se com os nossos chales. Até o Júlio Mendes vem por dois para os seus Pobres. Lisboa diz: «alguém se enamorou dos chales e o meu lá se foi uma vez mais».

Para o Funchal seguiram 11 deles e para o Porto 9. Lisboa meia dúzia, com apetite para mais: «Deus nos envie mais umas dezenas de escudos para ser feita nova encomenda». Para S. João do Campo foi uma dúzia. Vila Salazar (Angola) veio por 8. De novo, o Funchal. Alguém do Areeiro aparece todos os meses. Torrão vem por cinco e «aqui não conheciam o trabalho. Sempre que possa, arranjaréi freguesas». Ovar, terra dos chales, procura Ordins e, ao recebê-lo, exclama: «é bonito e quentinho». Torrão voltou.

De novo, as vicentinas de Vila Moreira: «isto é prova de que o primeiro agradou plenamente». A Ilha de Moçambique lembra-se de Boticas: «no dia de hoje, em nome de Jesus, eu desejo contemplar a pessoa mais pobrezinha da minha terra natal». Mesão Frio, Figueira de Castelo Rodrigo, Chaves, Caldas da Rainha, Castelo da Maia e Loulé vão na procissão. Lourenço Marques não cabe de contente: «queria-lhes agradecer o chale de Ordins, que fez o favor de me mandar. Ainda o não estreei, porque o frio em Lourenço Marques ainda não chegou, mas em compensação já tem sido estreado nos ombros de todas as minhas amigas, pois também ficam encantadas com ele».

Vila Salazar oferece três deles ao Porto, porém o pedido foi feito directamente à Casa do Gaiato. E daí nasceram sarilhos para o Padre Manuel António, Júlio, Avelino, Manuel Pinto e para mim. E tudo seria escusado, se a correspondência se dirigisse exclusivamente para a Conferência de S. Vicente de Paulo de Ordins — Paço de Sousa. Mais sarilhos: é Venda do Campo.

Lousã lembrou-se de nós e paga um médio pelo preço dos grandes. Se todos assim fizessem, não gemia eu aqui tanto as minhas dores. Ermezinde envia lá para um grande e 50\$ para o feito. Assim, sim.

Lourenço Marques vem por 2 com 300\$ na mão. Para Ribeira Brava (Madeira) mais quatro. Moçamedes oferece «um chaile de Ordins à Pobre que dele mais necessitar». E continua: «meu marido, companheiro de V. Rev. quando estudantes e em casa da D. Maria, no Porto, lembra ainda hoje com saudade o tempo em que o colega Galamba lhe pedia todos os tostões disponíveis para oferecer ao Gaiato». Já naquele tempo, acaçava!

Padre Aires

ISTO É A CASA DO GAIATO

Eu disse no primeiro jornal após a partida de Pai Américo, que esta era a **coluna da saudade**, a qual não mais veria a luz dos prelos.

Hoje, porém, desdigo-me. Na verdade, a transcrição que fazemos da penúltima «Voz dos Novos», exprime melhor que nunca e que ninguém a fonte de tantas e tantas páginas de encanto que nos foram dadas sob aquela epígrafe.

Nos últimos jornais «Facetas de uma Vida» têm-nos revelado os escritos de Pai Américo enquanto seminarista. Muito saborosos e inconfundíveis tais escritos, mas, de jeito acadêmico. O Pai Américo do «Isto é a Casa do Gaiato» fez-se depois, no contacto com os «Coelhinhos» e os «Gordos» e os «Pipas» e os «Pacóvios» das primeiras gerações de gaiatos. Fez-se neste contacto, mercê da sua abertura à simplicidade e ao seu segredo de descobrir coisas altas e belas nos factos mais comzeinhos aos olhos das pessoas vulgares. «Ex ore infantium...» Pela boca das crianças, Deus diz a Verdade. E a profundidade e a beleza das páginas todas do «Isto é a Casa do Gaiato» resulta justamente da verdade, simples, espontânea, que as recheia.

Eu não sei se foi o Daniel se o Fabião que tiveram a ideia de pedir aos pequeninos autores a sua colaboração. Um ou outro que fossem, ou os dois..., até a iniciativa pertence ainda ao «Isto é a Casa do Gaiato».

Por isso a transcrição aí vai com este título.

POSTAL PARA O CÉU!

Querido Pai Américo:

Na tua casa, que também é a nossa, continua tudo bem. Não te esquecemos nesta Páscoa da Ressurreição de Cristo. Temos-te bem presente. Estás no refeitório, na capela, nas oficinas, em todos os belos recortes desta aldeia onde tudo é poesia e amor e estás sentado no banco do jardim da nossa alma!

A Cruz que, em nome do Alto, legaste aos Padres da Rua, está cada vez mais pesada nesta altura e é por isso que a nossa Páscoa é pura, real, verdadeira. Os cironeus escorregam, caem, mas reagem, ganham novos alentos e ela há-de ser levada ao Calvário.

O sangue dos Pelicanos do Bem, será o alimento de todos nós gaiatos e será oferecido em colaboração ao Pai da Luz que tu, Pai Américo, contemplos face a face.

Não te esqueças nunca de falar, pedir, interceder, para que todos nós escutemos as palavras do Caminho de Damasco. Que as absorvamos e que o seu eco passe por toda a parte e se faça no mundo Luz, haja harmonia e amor, para que o Homem não continue a ser a fera do Homem.

Iremos, humildemente, receber a SS. Trindade no nosso seio e, como outrora no Cenáculo, Cristo com os Apóstolos, também teremos reunidos no nosso refeitório, os Pobres nossos Irmãos e Amigos. Como vês, continuamos a fazer o que tu mandas e queres.

Beijinhos de todos e principalmente dos Batatas!

Daniel

Sobre a Páscoa...

FALA «O GORDO»

Nesse dia ressuscitará Nosso Senhor Jesus Cristo, que veio ao mundo para nos salvar, mas para isso sofreu muito, dando a vida por nós. Deixando-se pregar numa cruz.

Foi um grande sacrifício e nós temos também de fazer algum por Ele que bem o merece.

Desejo-vos uma feliz Festa da Ressurreição de Jesus Cristo.

Na Casa do Gaiato passamos muito bem a Páscoa. Vem cá os do Lar do Porto. Há jogo com eles.

A gente come muito bem na Páscoa. Há amêndoas e tudo. Vai ser uma alegria. Vamos passar o dia muito bem. Vivam todos!

António Fernandes Silva

...O VALENTIM

Caros Amigos:

Pela primeira vez falo para «A Voz dos Novos». Também vos peço que não se esqueçam de atender ao pedido que aqui se tem feito para escrever para este jornal que é o melhor do mundo. Eu gosto muito da nossa «Voz dos Novos» porque é o que nós fazemos com alegria e nos ajuda muitas das vezes a resolver os nossos problemas e as nossas situações pouco esclarecidas. Agora pela Festa da Páscoa vai ser uma categoria e nós todos animados. Não posso dizer mais nada pois não sei redigir melhor. Tenham paciência. Para outra vez será melhor e viva a «Voz dos Novos».

José Valentim Pereira

...O DAVID

Caros companheiros e amigos. Já sabeis que estamos na Semana Santa. A da Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo?

Eu estou cá há três anos. Sei bem como é isto. Nós estamos muito contentes porque o Domingo de Páscoa está à porta e nós imos ter amêndoas e outras coisas boas.

Agora vou falar um pouco de futebol. No passado dia 30 de Março, jogamos no nosso campo com o Clube Desportivo das

Aves, o qual vencemos por 5-3, depois de estarmos a perder 3-0.

Os melhores jogadores da nossa equipa para mim, foram o Dita, o Rui e o Oscar. De maneira que o Gaiato é uma categoria.

Não me conhecem? Eu sou o David. Sou natural de Espinho, terra da sardinha.

Eu gostava muito de lá ir, se o Senhor Padre Carlos deixasse... Ainda tenho fé!

Não quero deixar de dizer que hoje é o dia dos enganados e muitos foram levados ao cebo. Nós somos todos muito alegres.

Com isto vou terminar a minha escrita. Adeus e até à próxima vez.

David Alves da Silva

COELHINHO

Caros Amigos:

Pela vez primeira escrevo para «A Voz dos Novos» que é o melhor jornal.

Está-se a aproximar a Páscoa e é bom que se coma muitas amêndoas. Também vos deveis lembrar que foi na Páscoa que Nosso Senhor ressuscitou.

O nosso grupo de futebol é uma nação. Continua a ganhar a todos. Por este andar ainda vai para a primeira divisão. Os melhores jogadores que se encontraram no domingo foram os seguintes: Oscar, Luís de Carvalho e o Roque mas desculpem de eu dizer que o Ramada foi um frangeiro. E depois foi o Dita que mostrou como se defendia.

Manuel Ferreira Malta

LUI AUGUSTO

Amigos Gaiatos:

Pela primeira vez escrevo para o jornal «A Voz dos Novos».

A Páscoa é na estação da Primavera. Gostamos muito deste tempo. Viva a Páscoa que nos dá muita alegria e que jogamos muito a bola e brincamos. Nosso Senhor ressuscitou. Viva Nosso Senhor!

Quem me trouxe para aqui foi a Senhora D. Ana e estou cá muito bem. Viva a Senhora D. Ana e o Senhor Albino que são muito amigos da gente!

Eu quando fizer o exame da quarta classe vou para carpinteiro. E quando for maior vou para jogador do F. C. do Porto, para a primeira categoria.

A Páscoa está a bater-nos à porta e é uma alegria para a gente mas é!

Eu no dia 6 de Abril vou andar todo tirone. Nesse dia comemos as amêndoas e a aletria que vão saber pela vida.

Luís Augusto de Barros

ORLANDITO

Viva a nossa «Obra da Rua». Viva a festa da Páscoa. Viva as amêndoas.

— Eia! tão poucas... Não chega para nada. Antes quero jogar a bola.

— Viva a festa! Viva a alegria!

O que mais se ouve neste dia é isto. Pois a Páscoa é uma categoria.

Gosto muito de jogar a bola. A minha linha é: Coelho, Néquita, Orlando Pequeno e Gordo. Quero vir a ser jogador da Casa do Gaiato.

Adeus. Até outra vez que eu escreva.

Orlando

PIPAS

O dia de Páscoa é muito alegre porque temos amêndoas, mas o que interessa é jogar a bola. Os melhores jogadores da casa são os seguintes: Pipas, Russo, Coelho, etc. O capitão da Casa 4 andar de baixo é o Adolfo.

Eu cá na Casa do Gaiato estou muito bem. O G. D. Casa do Gaiato é o melhor do mundo. Viva o nosso grupo!

Minhas senhoras e meus senhores, até outra vez.

António da Silva

Adão e Manuel Luís

Na Páscoa vamos comer amêndoas e muitas coisas boas, vem cá a minha mãe e vai ser uma alegria. Todos vão andar animados. O Gaiato vai jogar contra o mundo. O Gaiato ganhou contra o resto do mundo. O Gaiato é o melhor. Quero muito bem à Páscoa. Viva «O Gaiato». Viva o Gaiato que é o melhor do mundo. Viva 1958. Viva o F. C. Sporting. Viva!...

Adão e Manuel Luís

MARITO

Pela primeira vez escrevo para o jornal «A Voz dos Novos».

Eu quando vim para a Casa do Gaiato vim para o pé da capela. Foi o Senhor Tenente da Casa dos Pobres que me trouxe, para que eu não passasse mais fome e fosse mais tarde um homem. Pois eu ando na terceira classe e espero fazer exame. Quando for grande vou ser tipógrafo. Também ando muito contente por o Gaiato ser o melhor grupo que eu conheço.

Eu cá acudo pelo Sporting que é o campeão de Portugal. Viva o Sporting. Viva! Eu no dia de Páscoa vou andar de calças novas e por isso já ando a fazer a festa.

Marito

PACÓVIO

Minhas senhoras e meus senhores:

Peço muita desculpa por ser a primeira vez que escrevo para o nosso jornal «A Voz dos Novos». Se fôr torto, para outra vez põe-se direito.

Agora estamos a chegar à Páscoa. Vai ser uma alegria. Eu cá na Casa do Gaiato estou muito bem. Nós na Páscoa andamos muito alegres. Nesse dia ressuscita Nosso Senhor. E nós também comemos muitas amêndoas nesse dia. Vai ser uma alegria.

E assim vou terminar esta minha crónica para este jornal. Então até à próxima, se Deus quiser.

José Diamantino de Almeida

UMA CARTA

«No último número de O Gaiato, vinha Uma Carta assinada por um Pai aflito e prestes ao desânimo total.

Por tudo quanto ele diz, e muito bem, ainda é uma felicidade quando se sabe dizer o que se sente, senti junto com a pena do seu grande sofrimento, uma grande alegria.

Alegria por haver homens assim. Alegria por essa carta ter sido posta debaixo dos olhos de muitos. Alegria por uma esperança que me surgiu no pensamento, que é esta:

Não estará reservada aos Padres da Rua a honra e a glória, e a dor sem dúvida, de criarem mais uma Obra:

— O Património das Famílias numerosas?!...

Dar uma casa como prêmio a quem tivesse filhos dum certo número para cima? e dela necessitasse é claro!...

Mas mesmo que este pensamento não seja rea-

lizável, eu desejo felicitar os Padres da Rua por nos darem oportunidades destas meditações e desejo felicitar esse Pai pela sua grande Fé e Heroísmo e agradecer-lhe a lição e bom exemplo, por mim e por todos os que o leram.

Desejo finalmente ajudá-lo conforme me é possível. Já rezei por ele. Mas se nem só de pão vive o homem, também não pode o homem viver sem pão.

Como se trata dum homem de certa posição social, é mais difícil entregar-lhe este pequeno auxílio que junto a esta carta. Mas V. terão a inspiração necessária para lho fazerem chegar delicadamente às mãos, juntamente com outros auxílios que estou certo, outros leitores não-de mandar.

Sou de V.as Rev.as e desse Pai Aflito um admirador, um irmão em Cristo e um membro do mesmo Corpo Místico.»